

Ainda meu avô: os passarinhos

Leila Uruhay Grienz

[Psicóloga Social. Radialista]

Na rádio de Indaial, em Santa Catarina, eu, uma menina de 15 anos, primeiro trabalho, inquieta e bisbilhoteira, fazia de tudo. Chá p'ra abastecer as cuias. Pegava lenha, ajustava microfones, anotava os nomes dos ouvintes. Levava documentos na agência dos correios, ia na farmácia, arrumava os montes de papezinhos espalhados nas salas apertadas da voz da cidade. Meu avô, o Gringo, catarinense brasileiroíssimo que o Grienz de seu nome o transformou numa espécie de estrangeiro, andava agitado como eu ainda não tinha visto. Ele ficava arrodando o rádio (sempre ligado) e eu comecei a achar que ele estava preocupado com o meu trabalho por lá. Logo ele que tinha me dito que era bom eu trabalhar. Um dia, tomei coragem e arrisquei 'Vô, o senhor anda aperreado com alguma coisa?' Ele respondeu na hora: "Tô preocupado com os passarinhos." Eu sabia que o Gringo amava os passarinhos e conhecia seus cantos, pois sempre que as crianças estavam reunidas ele dizia de que pássaro era aquele canto e falava p'ra criança: "Nunca maltrate um passarinho." Mais tarde, na hora de dormir, perguntei à Schatzi, minha avó, que história era aquela do 'vô. Ela também não sabia bem o que estava acontecendo, mas me disse que ia apurar e depois me falava. O fato é que o tempo passou e eu esqueci daquela história, mesmo percebendo que a agitação do Gringo atento ao rádio continuou por muito tempo. Não me lembro muito bem quanto tempo depois, mas foi bastante, pois eu já nem estava mais trabalhando na rádio. Na época, 1978, eu já estava me preparando para estudar em Floripa. O tesourinho do meu avô (a Schatzi) me chamou e disse que já sabia "mais ou menos" o que era aquela história dos passarinhos do Gringo. "Seu avô tinha um amigo de infância chamado Zil que aprendeu a ler junto dele." 'Vô', eu disse, 'ele me contou essa história.' "Ah! É? Então não preciso contar." 'Não, ele só falou do Zil e do Antonio Silveira, o professor negro que ensinou eles a ler com a palavra trabalho.' "Ah, bom, então você não sabe nada", ela continuou. "Eram muito amigos, Zil e seu avô, meninos roçadores, sorridentes e ajudavam todo mundo, trabalhavam com gosto e serventia. Cresceram juntos e quando seu avô começou a trabalhar no mercado municipal, isso foi lá p'ra 1939, 1940, eles se afastaram porque o Zil continuou roceiro. Mas continuaram muito amigos, eram mais que irmãos. Em 1943, eu lembro porque foi o ano que seu pai nasceu, e eu estava lá, o Zil e o professor Antonio Silveira foram na venda se despedir de seu avô. Eles disseram que a vida na roça 'tava difícil e eles iam p'ra Porecatu, no Paraná. Lá a vida ia ficar melhor. A guerra 'tava ajudando p'ro povo conquistar sua

terra e tinha muita gente indo p'ra lá. Mas eles disseram que iam porque o Partido Político do professor que eu acho que era o Partido Comunista, tinha mandado eles p'ra lá." Nessa altura eu interrompi e perguntei: 'mas o 'vô era do Partido Comunista?' Schatzi continuou: "Olha, você sabe que seu avô gostava muito de ler e ele ia numas reuniões na casa do professor, acho que ele era mais ou menos. O que eu sei é que ele nunca mais viu o Zil, mas durante esses anos todos e até hoje eles trocam cartas. Sempre chega cartas do Aldezil Correia." 'Mas, vô, porque a agitação do avô?' "Bem, Leinha, o Zil andou preso, depois viveu fora do Brasil, viveu em Cuba e na Argélia, isso seu avô que me contou, e agora ele não sabe onde o Zil anda porque não chega carta há mais de um ano. Mas, parece que o governo vai deixar os que foram embora por causa da política voltar p'ro Brasil. Tem uma discussão aí de que vai sair uma Lei. Acho que é por isso que seu avô fica ouvindo o rádio o tempo todo. Você sabe que na televisão quase não se fala disso. É só novela."

'Vô, a senhora também é comunista mais ou menos?'

"Mais p'ra menos." Confesso que não entendi muito bem aquela conversa. Só no ano seguinte quando saiu a Lei da Anistia, já em Florianópolis, que eu captei a razão da agitação do Gringo. Seu maior amigo estaria voltando? Estaria vivo? Viria lhe visitar? Ainda iriam rir juntos como nos tempos de criança e juventude? Aí falei: 'Vô, mas ele disse que estava preocupado com os passarinhos quando eu perguntei se ele estava aperreado. Por que?'

"Ah! Leinha. Eu te disse que eu estava lá no dia. Eu não tenho certeza se é por isso, mas acho que é, quando eles saíram, os três 'tavam lacrimejados e seu avô perguntou: 'Poxa vocês têm certeza que vão mesmo embora?'

O professor negro Antonio Silveira colocou a mão no ombro de seu avô e disse: 'Gringo, eu e Zil somos como passarinhos, nós voamos para onde se pode ter liberdade. Só lá a gente pode honrar o nosso canto.'"

Quando cheguei em Floripa, com aquela história do meu Gringo na cabeça, eu só ficava pensando qual canto de passarinho seria mais adequado ao seu Antonio Silveira. Até hoje não sei, talvez todos, mas o tiê-sangue com seu canto de apelo e pela cor de seu nome derramado em defesa dos injustiçados combina muito bem com os amigos de meu avô: Zil e Antonio Silveira.

<https://www.wikiaves.com.br/3266185&tm=s&t=e&e=24&o=dp&desc=1&p=6>

■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.